

Todos ansiávamos pela chegada ao país maravilhoso dos ianques, ao berço da electricidade, todos queríamos conhecer *de visu* o celebrado país das descobertas engenhosas.

Desde logo entramos, de combinação, em “sérios” estudos do idioma inglês praticando uns com os outros, compulsando manuais de conversação, decorando significados, preparando-nos, enfim, da melhor forma, para retribuir gentilezas, captar amizades, responder a todas as perguntas que nos fossem feitas à queima-roupa. Sim, porque tudo quanto havíamos aprendido teórica e praticamente na Escola, não era bastante. Faltava-nos a facilidade, o traquejo da palavra estrangeira, que havíamos de adquirir à força de vontade e aplicação assídua.

Alguns officiais, entre os quais o comandante, riam-se do nosso apuro, e, de vez em quando, atiravam-nos de surpresa uma pergunta em inglês. Quanto disparate, quanta tolice a princípio! O certo é que depois, com o tempo, já nos entendíamos sofrivelmente. *Noblesse oblige...*

CAPÍTULO IV

A HOSPITALEIRA SOCIEDADE de Jamaica havia nos conquistado a simpatia. Todos sentimos deixar tão cedo aquela encantadora ilha, cujos habitantes nos tinham prodigalizado tão generoso acolhimento. Lenços acenavam para bordo ao deixarmos o ancoradouro às 5 horas da tarde de 21, despedindo-nos talvez para sempre dessa boa gente.

Durante os dias 22 e 23, mar e vento rebelaram-se contra o navio.

Navegávamos à bolina, sempre a vela e a vapor, amurados por bombordo.

Grandes rajadas frias sopravam do norte, cantando nos cabos da mastreação, sacudindo-os com violência.

O termômetro baixara sensivelmente, a coluna barométrica punha-nos calefrios...

O mar quebrava-se de encontro às bochechas do cruzador desafiando-lhe a resistência colossal.

Sabíamos que a latitude em que navegávamos, nas Antilhas, era muito freqüentada pelos ciclones, esses terríveis inimigos dos navegantes, que arrastam em sua cauda milhares de vidas. Receávamos

esses fenômenos tanto mais porque os seus efeitos fazem-se sentir a grandes distâncias.

Os sintomas visíveis, se não eram evidentes, aproximavam-se das descrições de navegantes experimentados. O céu estendia-se limpo, como um largo pátio azul esbranquiçado; apenas no horizonte flu-tuavam pequenos estratos em forma de rabo de galo e algumas estrias avermelhadas, escarlates, despertavam-nos a atenção.

Ao meio-dia o sol tinha uma cor baça, com um disco azulado ao redor.

E crescia o mar em vagalhões medonhos e esfuziava o vento no cordame.

O navio caturrava e arfava morosamente; ouvia-se o barulho do hélice trabalhando fora d'água.

Pela madrugada de 24 lobrigamos por boreste o farol da ilha de Cuba, de luz muito branca, e no dia seguinte sulcávamos o golfo do México.

Poucos dias restavam para alcançarmos Nova Orleans.

E nada do suposto ciclone!

Por via de dúvidas, como o tempo continuasse borrascoso, fer-ramos a maior parte do pano, conservando apenas as gáveas rizadas nos *terceiros* e a mezena de capa.

Caapeamos três dias consecutivos, sem que aparecesse o medonho visitante.

No quinto dia o vento amainou rondando para nordeste e o mar, por força das circunstâncias, também acalmou-se. Ferramos o resto do pano, navegando só a vapor.

A idéia da chegada preocupava todos os espíritos. Os Estados Unidos eram o assunto de todas as conversações.

Cedo tratou-se da limpeza do navio.

Cada qual tratou de si, de sua roupa, de seus objetos que o mar sacudira de um lado a outro dos camarotes. Os alojamentos apresentavam o curioso aspecto de um campo de batalha; malas confundiam-se umas sobre outras formando empilhamentos, a roupa branca usada andava de mistura com os fatos novos de pano; livros, papéis — tudo quanto era de uso quotidiano estava espalhado no convés, como se andasse por ali alguma criança traquinas.

Guerra ao mofo! Roupas ao sol! Ninguém se fez esperar. Começaram as arrumações, uma faina açodada, durante a qual soaram boas gargalhadas filhas de inalterável bom humor.

Os guardas-marinha alojavam-se à popa num acanhadíssimo compartimento que mal os comportava. Aí tinham suas camas, suas malas, seus livros.

Quantos prejuízos! Quantas decepções!

E todos acorados, arrumando e desarrumando, numa confusão burlesca, maldiziam o mar e apostrofavam o vento. Netuno e Éolo nunca receberam tantas manifestações desairosas. Pois não! Ninguém tem suas coisas para vê-las de um dia para outro arruinadas, inutilizadas pelos caprichos incoercíveis do mar e do vento.

Finalmente, como nada há melhor que um dia depois de outro, veio o dia 29 de março em que dos vaus do joanete de proa o gajeiro anunciou — terra!

Continuava, entretanto, incessantemente, a azáfama. A guarnição da bateria ocupava-se da limpeza das peças, colocando-as em posição, abrindo e fechando culatras, lixando-as, lubrificando-as enquanto o fiel ia distribuindo o cartuxame.

Havia uma alegria geral a bordo e sentia-se um vago odor de tintas, como ao entrar-se numa casa nova, pintada de fresco.

Já era tempo de repousarmos das fadigas da viagem.

CAPÍTULO V

NINGUÉM pode imaginar o que é a chegada de um navio de guerra a porto estrangeiro depois de uma tempestade ou mesmo depois duma ameaça de temporal. A faina torna-se geral e o ruído inevitável. É de ver-se a prontidão, a rapidez com que se executam as ordens. Como que há mais vontade para o trabalho, desenvolve-se logo um contagioso bem-estar, ninguém foge ao serviço.

Tesar cabos de laborar, baldear o convés a ficar alvo e polido como uma sala de visitas, limpar, arear os metais amarelos até ficarem reluzentes como ouro de lei, ferrar o pano a capricho, cuidadosamente, de modo a confundi-lo com as vergas e os mastros, preparar os escaleres — tudo isso é coisa dum abrir e fechar de olhos.

A guarnição do *Almirante Barroso*, disciplinada e obediente como todas as que serviam sob as ordens do comandante Saldanha, primava pelo asseio, pela ordem, pela destreza e pela atividade. Não se lhe pode fazer maior elogio. Cada marinheiro era como uma máquina pronta sempre ao menor impulso.

A chibata era nesse tempo, como ainda hoje, o terror das guarnições da armada.